

**NESTOR DOS SANTOS LIMA,
HISTORIADOR**

Prof. Itamar de Souza

Natal – 1987

NESTOR DO SANTOS FILMA

HISTORIADOR

Prof. Iltamar de Souza

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESTADO DE SÃO PAULO
RUA DO CARVALHO, 150 - JARDIM PAULISTA
Cidade de São Paulo - SP

Final - 1987

**Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte. 2003**

NESTOR DOS SANTOS LIMA, HISTORIADOR

Prof. Itamar de SOUZA

Conferência pronunciada em 10 de agosto de 1987, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, por ocasião do I.º Centenário de Nascimento deste historiador potiguar.

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ago 2003

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ago 2003

É digna de todos os encômios a iniciativa do Dr. Enélio Lima Petrovich, Presidente deste Instituto, de comemorar o centenário de nascimento de várias personalidades que contribuíram, com obras indelévels, para a construção do edifício cultural norte-rio-grandense.

As filosofias existencialistas, na maior parte elaboradas no clima pessimista do II.º pós-guerra mundial, refletiram com profundidade sobre o sentido da nossa existência humana. Como sabeis, o resultado foi bastante negativo. Referindo-se ao homem, **Sartre** considera-o um vômito, um ser ontologicamente frustrado porque projeta ser algo e não tem condições para realizá-lo. **Jaspers**, por sua vez, considera que a vida é uma transitoriedade infortunada. Mas, Senhores e Senhoras, o pessimismo existencialista alcançou o seu climax com o filósofo alemão **Heidegger**. Para ele, o homem é simplesmente um animal que caminha inexoravelmente para a morte. Se isto for verdade, conclui o filósofo, estou demasiado velho para morrer desde o dia em que nascí.

Tal pessimismo perante o destino humano não é compartilhado pela filosofia cristã. Ao contrário, por pior que seja, vemos na vida um dom precioso de Deus. Para nós, ao criar o ser humano, Deus tirou-o do estado indefinido de imploração à existência e colocou-o num lugar super-privilegiado na galeria infinita dos seres que povoam o nosso universo. Ademais, na perspectiva cristã, a existência é um acontecimento original, inusitado, irrepitível e, conseqüentemente, irredutível. Por isso, podemos aceitar, em parte, o axioma do sábio francês, **Lavoisier**, quando afirma que “na natureza, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. Cada exemplar humano, dotado de inteligência e vontade, é portador de uma especificidade inconfundível e de uma estrutura ontológica incompleta, que só encontrará a sua plenitude numa instância trans-histórica, na transcendência do infinito espiritual, cuja existência o ser humano vislumbra através de sua inteligência limitada e inquieta. Numa perspectiva cristã, tudo o que nasce nos braços do tempo é marcado pela imortalidade independentemente do incenso das academias. Maravilhado com o dom privilegiado da vida, **Santo Agostinho**, o célebre Bispo de Hipona (354-450), afirmava que é melhor existir e ser condenado ao fogo do Inferno do que nunca ter existido.

Por isso, a comemoração do centenário de nascimento de alguém é um hino de louvor à existência humana. É a manifestação mais evidente de que acreditamos na transcendência do homem sobre as situações limites a que ele está subordinado ao longo da sua peregrinação na pista da temporalidade.

Nesta semana comemorativa do Primeiro Centenário de Nascimento de Nestor dos Santos Lima, coube-me a agradável tarefa de desenvolver o tema — Nestor Lima, o Historiador.

O nosso homenageado nasceu em Assú, no dia 1º de agosto de 1887 sendo seus genitores Galdino Apolônio dos Santos Lima e Ana Souto Lima. Sua inclinação para as letras manifestou-se logo cedo, aos 11 anos, quando se dava ao trabalho de auxiliar na redação do jornalzinho “A Luz”, de teor crítico e literário.

Fez o curso preparatório no Liceu Paraibano e bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1909, pela Faculdade de Direito do Recife. Retornou ao Rio Grande do Norte em 1912, onde viveu a sua vida dedicando-se à advocacia, ao magistério, à administração pública e à pesquisa histórica.

OBRAS PUBLICADAS

Entre livros, plaquetes, discursos e conferências, Nestor Lima publicou muitos trabalhos e foi sócio honorário de 14 Institutos Históricos e Geográficos.

Eis, a seguir, a relação dos seus trabalhos:

- 01 — A Matriz de Natal — 1909
- 02 — O Quartel Militar de Natal — 1913
- 03 — O culto da pátria e a missão dos mestres — 1913
- 04 — Síntese do nosso movimento pedagógico — 1920
- 05 — Qual é o Rio “Grande” do Norte? — 1927
- 06 — Preciosa relíquia colonial — 1927
- 07 — Um Século de Ensino Primário — 1927
- 08 — Unificação do Magistério Nacional — 1927
- 09 — Assú — 1929
- 10 — O Celibato Pedagógico — 1929
- 11 — Monumentos do Rio Grande do Norte — 1933
- 12 — Tradições e Glórias de Mossoró — 1936
- 13 — Municípios do Rio Grande do Norte — 1937 — 1942
- 14 — O Grande Dever — 1938
- 15 — As cinco sedes do Instituto — 1938 — 1982
- 16 — As lindes municipais através da História — 1939
- 17 — O Doutor Souto — 1941
- 18 — As razões do Brasil no atual conflito — 1942
- 19 — No dia de Augusto Severo — 1943
- 20 — Em memória do Índio Potiguar — Dom Antonio Felipe Camarão — 1943
- 21 — Desembargador Manoel André da Rocha — 1944

- 22 — Limites entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte — 1944
- 23 — Primeiro Centenário do Barão do Rio Branco — 1945
- 24 — Ruas de Natal — 1946
- 25 — O Centenário da cidade de Assú — 1946
- 26 — Sobre a Fortaleza dos Reis Magos — 1950
- 27 — Em memória de Miguelinho — 1950
- 28 — A Graça na execução da pena — 1950
- 29 — Amaro Cavalcanti — 1950
- 30 — Grossos e Ruy Barbosa — 1950
- 31 — O monumento da cidade — 1950
- 32 — Preito de leal veneração no centenário de Vicente de Lemos—1952
- 33 — Tributo ao Fundador — idem — 1952
- 34 — Dia da Pátria — 1952
- 35 — O Jubileu de Ouro do Instituto Histórico — 1953
- 36 — Algumas lendas e tradições potiguares — 1953
- 37 — Tobias Monteiro. — 1953
- 38 — A verdade sobre o bicentenário da Imagem de Nossa Senhora do Rosário, venerada como Padroeira de Natal — 1953
- 39 — A Glória de Augusto Severo — 1954
- 40 — Tributo ao Mérito (a José Toribio Medina) -- 1954
- 41 — Tavares de Lyra — Governador e Político — 1954
- 42 — O Clero na História do Rio Grande do Norte — 1954
- 43 — A Semana do Marinheiro — 1954
- 44 — O grande Juiz Meira e Sá — 1956.

Entre os seus trabalhos históricos, destacam-se três que, pela sua importância para a bibliografia norte-rio-grandense, vamos comentar cada um de per si.

A MATRIZ DE NATAL

Trata-se de uma conferência que o autor proferiu no dia 25 de dezembro de 1909, por ocasião da comemoração do 310.º aniversário de fundação da Matriz de Natal. Esta conferência histórica credenciou-o a ingressar, como sócio efetivo, nos quadros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Após mostrar como ocorreu a fundação da cidade, Nestor Lima dividiu a história da Matriz de Natal em cinco períodos:

I.º — Da fundação até 1654, aproximadamente, quando os holandeses destruíram a primitiva capelinha;

II.º — De 1654 a 1672;

III.— De 1672 a 1694, quando se construiu o edificio atual da nossa velha matriz;

IV.º — De 1694 aos nossos dias.

A pequena casa de oração, inaugurada a 25 de dezembro de 1599; teve como primeiro vigário o Pádre Gaspar Gonçalves da Rocha. Vale ressaltar que, no final do primeiro período, marcado pela fuga dos holandeses, os adeptos de Calvino — afirma Nestor Lima — “nem sequer pouparam a capelinha e os livros; reduziram tudo a cinzas e a destroços”. (p. 21) .

Após a expulsão dos invasores, os portugueses começaram a reconstrução da Capitania e também da Matriz de Natal. No final da sua interessante e brilhante conferência, o Dr. Nestor apresentou uma relação de sacerdotes que apascentaram o rebanho de Deus nas plagas natalenses. Além disso, o autor anexou várias cópias de preciosos documentos para a nossa história civil e religiosa.

UM SÉCULO DE ENSINO

Esta é uma obra fundamental para quem quiser estudar os primórdios da organização educacional no Rio Grande do Norte. Foi publicado em 1927 e dedicado ao Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, então Presidente do nosso Estado.

Com a publicação deste livro, Nestor Lima quis solenizar o 1º Centenário da **Lei Imperial, de 15 de outubro de 1827**, que mandava criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Primeiramente, o livro saiu em forma de artigos semanais, e, depois diários, publicados no jornal “A República”, durante os meses de julho a outubro de 1927. Depois, ainda no mesmo ano, a matéria foi publicada em forma de livro.

Lembra Nestor Lima que, “de fato, em toda a longa fase de sua existência, sob o regime colonial, o Brasil teve algumas escolas públicas, sob o título de “escolas régias”, sob a direção dos “mestres régios”, como era então conhecidos, os quais obedeciam a princípios de organização os mais atrasados e rotineiros”. (p. 11). Os avanços pedagógicos realizados na Europa de então e conhecidos em Portugal não chegavam à pobre colônia brasileira. Verdade é que, continua o nosso homenageado, “la uma ou outra das capitâneas brasileiras possuía o seu “mestre régio”, a serviço do ensino mais elementar. Aqui na antiga Capitania do Rio Grande do Norte só tenho notícia de que houvesse uma única escola régia, durante todo o período colonial de dois séculos”. (p. 12).

Lembra ainda Nestor Lima que, “em 1823, foi expedido um decreto imperial tornando livre o ensino das primeiras letras. O nosso país desinteressava-se pela maior das obrigações do Estado Moderno”. (p. 12).

A Lei Imperial de 15 de outubro de 1827, “se fez sentir por todos os recantos do território brasileiro, onde ela mandava criar tantas cadeiras de primeiras letras, para meninos ou para meninas, quantas fossem necessárias”. (p. 3).

Observou ainda o autor que “o ensino primário, até então livre e dessoficializado, passou a ser tarefa do Governo Geral e constaria de leitura, escrita, quatro operações, prática dos quebrados, decimais e proporções, noções de geometria, gramática da língua nacional, princípios de moral cristã e doutrina católica, acompanhadas de leitura da Constituição do Império e da História do Brasil. (pp. 3-4).

Naquela época, estava em grande aceitação em toda a Europa, o método pedagógico de André Bell (1753-1832), um professor inglês que trouxe da Índia o método de ensinar adotado pelos hindús. Em síntese, este método consistia em o professor transmitir “as lições aos mais adiantados, monitores ou decuriões (por analogia à organização do povo e do exército romano), e estes, por sua vez, tomavam ou ensinavam as lições a dez (decuria) alunos mais atrasados, ou médios. Assim, pode ele estabelecer muitas escolas, compostas de várias decúrias, com um só professor, e nas quais os alunos **decuriões** faziam as vezes de mestres para com os seus companheiros principiantes”. (pp. 17-18).

Afirma Nestor Lima que o método do professor Bell teve no Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos um grande entusiasta.

A Lei Imperial de 15 de outubro de 1827 determinava ordenados para os mestres que variavam entre 200\$000 e 500\$ anuais. Vale salientar que a cátedra era vitalícia. Além disso, aqueles mestres que se destacassem no cumprimento do seu dever poderiam receber uma gratificação complementar, não superior à terça parte do seu ordenado, após 12 anos de exercício ininterrupto de sua profissão. O ingresso no magistério se fazia mediante concurso público.

Que resultados práticos trouxe esta Lei Imperial para o Rio Grande do Norte? Segundo Nestor Lima, “em razão dela, o nosso Conselho de Província criou 18 escolas de primeiras letras sendo 16 para meninos e 2 para meninas, equitativamente distribuídas pelos centros mais populosos da Província. A primeira que se estabeleceu, em consequência da lei, foi a aula feminina de Natal — Cidade Alta, criada a 1º de agosto de 1829”. (pp. 46-47).

Conforme podemos inferir da leitura desta obra, a grande maioria do professorado do Rio Grande do Norte era composta de homens. A feminilização do magistério primário irá acontecer nas primeiras décadas do século atual.

UM SÉCULO DE ENSINO — É inegavelmente um livro básico na bibliografia norte-riograndense. É obra de consulta indispensável a quem quiser reconstituir a história da educação nas plagas potiguares, desde os seus momentos seminais.

MUNICIPIOS DO RIO GRANDE DO NORTE

O Carro-chefe da produção histórica do Dr. Nestor dos Santos Lima é, sem dúvida, a série de 22 monografias que ele escreveu sobre os municípios do Rio Grande do Norte. Graças a estes trabalhos publicados na Revista do Instituto Histórico, do volume XXV (1928) até o volume XXXVII (1941), temos hoje um extraordinário manancial de dados, informações seguras e bem documentadas sobre os primeiros municípios do nosso Estado. Ali encontramos o historiador minucioso e exigente consigo mesmo, tratando a matéria histórica com unção sacerdotal, impelido pelo seu amor à verdade na reconstituição dos fatos e dos atores que emolduraram os primeiros séculos das comunidades do “hinterland” potiguar.

Nas 22 monografias que ele publicou, encontramos um método abrangente que compreende informações sobre a origem da sede do município e dos seus povoados; os acidentes geográficos; a criação da Freguesia e a relação dos vigários que apascentaram o rebanho de Deus; as comarcas com os seus respectivos juizes e promotores; a edilidade com os seus Presidentes da Intendência Municipal; por fim, as principais atividades agro-pecuárias desenvolvidas nos municípios, assim como outros dados complementares.

Esta obra está a merecer uma urgente reedição, para que as novas gerações possam ter acesso fácil às suas preciosas informações.

Foi inspirado nesta obra de Nestor Lima, que procuramos desenvolver no Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine, da Fundação José Augusto, o Projeto “**História do Seu Município**”. no período de julho de 1979 até março de 1987. Apesar dos percalços políticos e financeiros, conseguimos publicar oito monografias — Serrinha, Cerro Corá, Eduardo Gomes, São Gonçalo do Amarante, Caicó, Florânia, Macaíba e Santo Antonio do Salto da Onça. E deixamos prontas para publicação as referentes a Parelhas, João Câmara e Pau dos Ferros.

CONCLUSÃO

Foi nosso intuito nesta conferência traçar o perfil de Nestor dos Santos Lima como historiador potiguar. Historiador, esta espécie de intelectual que, no dizer de **Schlegel**, “é um profeta olhando para trás”. Sem dúvida, é graças ao trabalho paciente e tenaz dos historiadores que se opera o quase milagre da contemporaneidade de realidades não coetâneas. Se é verdade que o gênio é contemporâneo do futuro, não é menos verdadeiro que o historiador é igualmente contemporâneo do passado. Se **Paul Valéry** pode exclamar: “Gênio! Ó longa impaciência!”, ao contrário, podemos dizer: Historiador! Ó longa paciência!, a perscrutar através de documentos os sinais de uma realidade que se diluiu com o passar do tempo. Daí porque todos os historiadores são como vagalumes tateando na escuridão do passado, sem poderem alcançar a plenitude do conhecimento do objeto procurado. Acreditamos com o grande sociólogo alemão **Max Weber** que a realidade é intensamente e extensamente infinita. Por isso, todo o conhecimento humano é, até certo ponto, circunstancial, parcial, limitado pela dialética do claro-escuro, e pelas barreiras do hoje e do amanhã. O que hoje é visto como algo possuidor de uma clareza meridiana, amanhã, à luz de novos aportes, poderá ser considerado como algo opaco, enigmático e enganador. Mesmo assim, toda obra de história é uma forma de ressurreição.

A obra histórica de Nestor Lima é de boa qualidade, de feição diversificada, múltipla, inquietante, revestida de seriedade e de toques admiráveis de originalidade. Seu nome ergue-se bem alto na galeria dos arquitetos da nossa história posicionando-se ao lado de Manoel Ferreira Nobre (o nosso primeiro historiador), de Augusto Tavares de Lira, Rocha Pombo, Tarcísio da Natividade Medeiros, do grande e inesquecível mestre de nós todos, Luís da Câmara Cascudo, de Manoel Rodrigues de Melo e de Olavo Medeiros.

Há um aspecto da vida de Nestor Lima que não podemos olvidar: é a sua identificação com esta casa de cultura, da qual ele foi presidente por muitos anos. Vencendo o pessimismo das Casandras da vida e não se curvando às verrinas dos invejosos, quase sempre incapazes de realizar algo duradouro, ele cuidou do Instituto Histórico como se fosse a sua própria casa. Deu-lhe esta sede definitiva, pequenina, mas tão bela, tão agradável para as nossas reuniões literárias. Na defesa intransigente do seu acervo cultural, ele portou-se como aqueles frades medievais, a cujo zelo devemos o conhecimento de muitas fontes pertinentes às civilizações grega e romana. Qual um Heitor, o mais valente dos troianos a conduzir com maestria a sua nau em mar revolto, Nestor dos Santos Lima dirigiu os destinos desta casa por 32 anos (de 1927 a 1959), tornando-se o seu presidente perpétuo.

Por todas estas razões é que o historiador Nestor dos Santos Lima, cujo primeiro centenário de nascimento estamos comemorando, merece o respeito, o carinho e a homenagem daqueles que divisam nas obras do espírito a expressão mais elevada da inteligência humana.

Natal. 10 de agosto de 1987.

Prof. ITAMAR DE SOUZA
Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte

**ALGUMAS OBRAS PUBLICADAS PELO PROF. ITAMAR
DE SOUZA:**

- 01 — Comentários à Encíclica “Popularum Progressio” — Salvador, 1966.
- 02 — Migrações para Natal — 1976
- 03 — Migrações Internas do Brasil — 1980
- 04 — O Compadrio: da Política ao Sexo — 1981
- 05 — A Luta da Igreja contra os Coronéis — 1982
- 06 — Os Degredados Filhos da Seca — 1983
- 07 — Universidade: Para quê? Para quem? — 1984
- 08 — Bandern: Origem e Evolução — 1985.

IMPRESSO NAS OFICINAS DA



NORDESTE GRÁFICA LTDA

Rua Padre João Manoel, 520 - Tel 222-1461 - Natal - RN

